

SOBRE LITERATURA E VIADUTOS, OU: O CASO DE MINAS

Ewerton Martins Ribeiro¹

RESUMO: Neste texto, que transita entre o ensaio e o manifesto, 1) relembra-se o imbróglio epistolar que se desdobrou de um encontro entre Vinicius de Moraes, Fernando Sabino e Otto Lara Resende, em meados dos anos 1940, no qual se discutiu a mineiridade literária, como mitologia, e seus problemas; 2) argumenta-se sobre a recorrência, ainda nos dias de hoje, das questões que foram apontadas naquela ocasião: entre elas, certa autocomplacência dos escritores mineiros em relação às suas próprias afetações, estas decorrentes daquela mitologia; 3) retoma-se uma experiência pessoal do ensaísta como exemplar das questões que se está discutindo; 4) trata-se, também, da espécie de diáspora intelectual vivida pelos escritores mineiros em direção ao Rio de Janeiro, sua particular “República das Letras”; 5) recupera-se a genealogia da mitologia literária estabelecida em relação ao viaduto Santa Tereza; 6) e, por fim, então em tom de manifesto, defende-se uma hipótese de caminho para o trato do impasse fundador que reside na própria constituição dessa ideia de mineiridade literária, caminho que passaria, entre outras coisas, pelo combate ao hipsterismo – especialmente em seu caráter *kitsch* – e principalmente por não se subir mais em viaduto, seja ele metafórico ou real.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Sabino; Otto Lara Resende; Vinicius de Moraes; literatura mineira; viaduto.

ABSTRACT: In this text, which travels between an essay and a manifesto, it's possible to 1) remember the epistolary disagreement which unfolded in a meeting between Vinicius de Moraes, Fernando Sabino and Otto Lara Resende, in the early 1940s, in which the “mineiridade literária” was discussed as a mythology and subsequent problems which arose from that; 2) argue about the recurrence, nowadays, of issues that came up on that occasion, such as a self complacency of writers from Minas Gerais about their own mannerisms derived from said mythology; 3) relive one of the writer's personal experiences as an example of what is being discussed; 4) deal with a kind of intellectual diaspora experienced by writers from Minas Gerais towards Rio de Janeiro, particularly regarding “Republic of Letters”; 5) retrace the literary mythology's genealogy established in relation with the Santa Tereza overpass; 6) finally, as a manifesto, defend a hypothesis for a way of dealing with the founding impasse which resides in the very constitution of the idea of “mineiridade literária”, relating to, among other things, the fight against the hipster trend – specially in its kitsch aspects – and mainly related to no longer climbing on overpasses, be them metaphorical or real.

KEY WORDS: Fernando Sabino; Otto Lara Resende; Vinicius de Moraes; literature of Minas Gerais; overpass

Em meados de outubro de 1944, depois de uns chopos em Copacabana, Fernando Sabino recebeu os amigos Vinicius de Moraes e Otto Lara Resende em sua casa no Rio de Janeiro. Entre uma cerveja e outra, os três debateram – é o que se conta – o temperamento recatado e omissos dos escritores mineiros face às questões prementes de seu tempo, em especial as políticas e sociais. Na ocasião, Vinicius leu e criticou alguns textos de Otto, que, para o carioca, eram a tradução em texto dessa alma contida, essa alma sufocada dos mineiros, um indicativo mesmo da necessidade de se colocar o talento literário – a arte

¹ Mestre em Estudos Literários (Literatura Brasileira) e doutorando em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ewertonmartinsribeiro@gmail.com.

literária – a serviço de causas menos egoístas que o próprio escritor e seus dilemas existenciais; fazê-los, o talento e a arte, participar. A análise de Vinicius teria sido suficiente para convencer os três da necessidade de se realizar uma intervenção nesse horizonte literário. Combinaram, então, de escrever sobre o assunto, cada qual ao seu modo.

Vinicius levou a discussão a uma polêmica e carta aberta, que publicou no rodapé da página três da edição de 5 de novembro de 1944 d’*O Jornal*, um diário matutino do Rio de Janeiro de grande circulação (BRASIL, 2015). Recupero aqui um trecho da correspondência crítica, denominada *Carta contra os escritores mineiros (por muito amar)*, em que o poeta aborda o impasse do escritor mineiro.

Ó escritores, que estranho destino vos faz orgulhosos do vosso triste privilégio! Sim, a alma que tantas vezes vos fervilha, vós a prendeis num corpo por demais estático, por demais consciente da ordem burocrática que vos vem matando. No entanto, esse orgulho que vos acorrenta os anseios da vida, por que vos dá ele coragem para vos automutilardes? Por que a paisagem escolhida para a vossa muda contemplação há de ser somente a bela, triste, desolada paisagem de vós mesmos? (MORAES, 1944, p. 3)

Em outro momento, tendo em vista essa autossegregação mineira, Vinicius vai registrar, agora aludindo às implicações erótico-amorosas dessa autolimitação:

Por que vos negais tão friamente ao escândalo, ó homens de muito pudor? Por que afastais do vosso caminho a mulher e só tendes para o miserável o óbolo da vossa compaixão? [...] Mais inquietas que vós são as mulheres de cujo convívio selvagem vos afastais por discrição. (MORAES, 1944, p. 3)

Já mais perto do final da carta – aludindo àquilo que, para exemplificar a psicologia junguiana do inconsciente masculino, Robert A. Johnson ilustra metaforicamente como a ferida do “Fisher King”, cujos “ferimentos são tão graves que o impedem viver” (JOHNSON, 1987, p. 21) –, o poeta ainda apontaria:

O vosso orgulho não é simples, escritores de Minas. Ele vos isola numa terra ferida de morte. Ele vos dá em excesso complacência para com as vossas próprias feridas, que tanto cultivais. (...) Por que só sabeis chorar às escondidas, escritores de Minas? (...) Por que vos enclausurais em vossa cidade mórbida, que vos estiola as faculdades do amor? Por que amais a vossa desolação? (...) Por que não fraquejais, não amaldiçoais, não apedrejais, não sofreis o generoso sofrimento da vida? (...) Por que economizais e para quê: para comprar o vosso túmulo? (MORAES, 1944, p. 3)

Se Vinicius se dá ao trabalho de escrever carta tão singular – “de afetação propositada, pois não vos quisera falar de assunto tão grave com palavras mais simples” (MORAES, 1944, p. 3) –, Sabino cumpre sua parte do combinado publicando, dois meses depois, nas páginas

primeira, cinco e doze do mesmo jornal, “uma enorme catilinária” (SABINO, 2002, p. 34) denominada *O escritor mineiro e a falsa noção de limites* (SABINO, 1944). Nela, o mineiro defende Vinicius e explica como esse falso senso de limites contamina o aproveitamento que o típico literato mineiro faz da sua capacidade funcional, restringindo o alcance da sua literatura e do seu pensamento.

Publicado em 10 de dezembro de 1944, o artigo começa por acusar a estreiteza de pensamento com que, na época, a intelectualidade mineira recebe as colocações de Vinicius. Sabino escreve que essa intelectualidade mineira ora emulou um silêncio ignorante, ora realizou o desvirtuamento malicioso de seus argumentos; ora encenou manifestações públicas de burrice², ora simulou simplesmente uma total negação do arrazoado do poeta, então sob a desculpa de não reconhecer em Vinicius – dada a sua cariquice – uma voz autorizada a dizer em público o que ele disse sobre a mineiridade.³ Sobre esse ponto, escreve Sabino: “Não se trata de discutir a autoridade do poeta, e sim de discutir o problema, que pode existir, independente dela. Vamos pois encará-lo diretamente, sem procurar subterfúgios para o continuar ignorando.” (SABINO, 1944, p. 1)

Nesse sentido, Fernando vai escrever sobre o problema sério que representava, àquela época, a mitologia que se estava criando em torno do literato mineiro e de sua arte. Para tanto, o escritor lista os principais aspectos motivadores dessa mitologia:

Podemos enumerar, dentre os principais aspectos psicológicos da intelectualidade mineira, os dez seguintes: timidez, pudor, introversão, melancolia, desconfiança, espírito de união, fidelidade aos valores eternos, concisão, serenidade, amor à solidão. Todos eles dosados por um senso de equilíbrio e uma noção exata dos limites — é como os vejo a cada passo citados e exaltados. (SABINO, 1944, p. 1)

² Sabino fala daqueles que, autocomplacentes, simplesmente contra-afirmavam “os referidos defeitos [elencados por Vinicius] como legítimas e edificantes qualidades” (SABINO, 1944, p. 1).

³ Interessante demarcar que o que se viu na ocasião foi uma precursora e já problemática manifestação daquilo que, 40 anos depois, em meados dos anos 1980, seria condensado na famigerada expressão “lugar de fala”, ideia que neste século 21 passaria a ser muito mobilizada por uma específica ala da esquerda brasileira interessada em garantir voz para minorias antes silenciadas. (Infelizmente, apesar de suas boas intenções, essa ala coincide em muito com aquela que não aceita ser questionada e que não poupa arremedos intelectuais para justificar as próprias birras adolescentes, confundindo deliberadamente “especificidade” com “legitimidade” na hora de aplicar a expressão-conceito, em uma intempestiva recuperação da argumentação *ad hominem*; uma ala que ignora o consequente isolamento que advém desse tipo de procedimento, assim como a negativa colaboração que oferece à esquerda, como espectro ideológico amplo, ao assim proceder. Aqui, neste ensaio-manifesto, especificamente, interessa perceber como esse perverso deslocamento da “especificidade” à “legitimidade” remonta a uma discussão engendrada quatro décadas antes da ascensão da expressão-conceito “lugar de fala” e sete décadas antes dos dias de hoje, em que ela se tornou tão usual; mais do que isso, interessa perceber o fato de a intelectualidade mineira ter sido o cerne desse imbróglio precursor.)

Sabino vai lembrar que, nessa mitologia, tais aspectos costumam ser citados não como questões, mas como simples virtudes do indivíduo montanhês. Nesse sentido, após listá-los, o escritor vai tratar de cada um pormenorizadamente, apontando-lhe, como em uma moeda, a face perversa que ficara oculta em razão do forte brilho da face virtuosa.

Por exemplo: se para Sabino a timidez, aliada a uma natural discrição, é, no escritor mineiro, a consequência de um claro e profícuo juízo do ridículo, ela também o leva, na hipérbole de sua mobilização, a silenciar-se “nas ocasiões em que mais alto deveria fazer ouvir a sua voz.” (SABINO, 1944, p. 1) Algo parecido Sabino aponta em relação à introversão, esse amor à solidão que talvez seja a “face mais autêntica” (SABINO, 1944, p. 5) da mineiridade: se por um lado “dela tirou o poeta Carlos Drummond de Andrade as fecundas forças que estão fazendo hoje se desdobrar em fraternidade e em amor pelos homens a sua poderosa poesia” (SABINO, 1944, p. 5), por outro, ela muitas vezes leva o escritor mineiro “a se perder nos meandros do próprio eu, na esperança de encontrar nele alguma compensação. E só voltam à luz do dia para negar a vida” (SABINO, 1944, p. 5). Para Sabino, “pela introspecção o homem se salva ou se aniquila — e nada me leva a crer até agora que alguns escritores se estejam salvando.” (SABINO, 1944, p. 5)

Essa mesma dualidade surge na reflexão sobre a desconfiança: se por um lado ela livra o escritor mineiro de se perder em descaminhos, aos quais o “entusiasmo de primeira hora” (SABINO, 1944, p. 5) convida os distraídos, por outro, ela acaba “atirando-o a um pessimismo doentio” (SABINO, 1944, p. 5), que o leva “frequentes vezes a rejeitar toda e qualquer palavra vinda de fora, que traria um sopro de arejamento na sufocação em que alguns estão habituados a viver.” (SABINO, 1944, p. 5) E também no que ele diz sobre o pudor: por um lado, ele é fruto do respeito que o escritor mineiro tem em relação à dignidade dos demais homens; por outro, é comumente usado como pretexto para que tal escritor venha a comprometer a própria dignidade em suas posturas na esfera pública: “Há quem faça dele máscara sob a qual esconde toda a sorte de transigências, se revelando no medo de ofender, na submissão a falsos valores morais, na falta de solidariedade humana, na subserviência, no servilismo intelectual”. (SABINO, 1944, p. 5)

O escritor diz algo parecido ao acusar os problemas de nossa congênita solidariedade:

Se em Minas assistimos a essa harmonia repousante de homens que vivem em boa paz, muito embora divergências de orientação ideológica, vemos também a sublitteratura, o reacionarismo, o elogio mútuo, e todas as formas de corrupção literária, proliferarem, porque jamais um mineiro se insurgirá contra outro mineiro, seja em defesa do princípio mais nobre, seja movido

pelo ideal mais puro. Daí a impossibilidade de se combater o inimigo interno da intelectualidade e da literatura mineiras, e até de se sustentar um debate ou uma polêmica mesmo no tom mais delicado e inofensivo, que no entanto poderia trazer uma fértil renovação e um sadio enriquecimento de ideias – para não ferir susceptibilidades. Ao contrário, para defender um mineiro seja ele quem for e seja qual for a medida de suas forças, a legitimidade de sua obra e a causa pela qual se bate, (e mesmo que nada disso exista na realidade), temos visto as mais despropositadas ideias lançadas a público, os mais desconcertantes argumentos, sem nenhum pudor, timidez ou discrição, como também já cheguei a fazer, visando botar a salvo o valor da intelectualidade mineira. (SABINO, 1944, p. 5)

Positivamente, Fernando Sabino atravessa três páginas de jornal expondo essa sua homilia sobre a falsa noção de limites da mineiridade literária⁴, nas quais a aborda sob o entendimento de que os mitos apaixonam e desorientam os homens, desviando-os “das verdadeiras fontes da vida” (SABINO, 1944, p. 1), e que por isso é necessário combatê-los. A Otto, por sua vez, teria ficado reservada a tarefa de realizar uma série de entrevistas com escritores mineiros, abordando o assunto — e é aí que surge o desacerto. De acordo com o que registrou Sabino (SABINO, 2002, p. 34), o autor de *O braço direito* teria se esquivado da empreitada combinada entre os três escritores, declinação que faria com que a própria relação epistolar entre os dois amigos mineiros terminasse por um instante abalada.

Segundo Sabino anotou, Otto se limitou a trocar uma ambígua correspondência com Alceu Amoroso Lima sobre o assunto, correspondência que, em vez de esclarecer se Otto concordava ou discordava daquele conjunto de opiniões sobre a mineiridade, parecia jogar névoa sobre as suas próprias opiniões. Em razão disso, o então autor de *Os grilos não cantam mais* vai escrever a Otto uma longa carta crítica em 19 de dezembro de 1944 acusando o amigo de tergiversar: “Você fala, depois desfala.” (SABINO, 2002, p. 35) Fernando queria que Otto, em vez da carta a Alceu, escrevesse um artigo, ao menos, se se via na impossibilidade de realizar as entrevistas. E que explicitasse as suas opiniões em termos claros, objetivos, definitivamente assertivos. “Você aí diz uma coisa para mim, e para o Dr. Alceu diz outra. Não está certo. Afinal você tem culpa no cartório: na nossa conversa com o Vinicius, você foi o primeiro a reconhecer os nossos erros mineiros e se dispôs a corrigi-los” (SABINO, 2002, p. 36).

Sabino parecia exigir que o amigo reduzisse a complexidade de seu pensamento e de suas opiniões a termos polares, abdicando-se de toda subjetividade: ou concordava ou

⁴ Curiosamente, Sabino vai optar por não incluir esse texto na coletânea *Livro aberto: páginas soltas ao longo do tempo*, publicada no início dos anos 2000 como “obra póstuma antecipada”. (SABINO, 2001, p. 7).

discordava; ou era sim, ou era não. Nesse ponto, qualquer semelhança da postura de Sabino com o *modus operandi* maniqueísta do pensamento brasileiro neste século 21 talvez não seja mera coincidência: pelo que se depreende de toda a história que se recupera aqui, muitos dos que pretendemos pensar o Brasil estamos cavando essa cova do polarismo já há algumas boas décadas.

Otto vai contra-argumentar por carta, em 23 de dezembro:

Nesta chatíssima questão de Minas, você me coloca como o sujeito tipicamente sem caráter, que não quer perder os partidos, que quer navegar nas duas margens. (...) Você quer me ver como você imagina: aquele farrapo de fraquezas e conciliações, aquela miséria bem procedida que não quer ofender (...) Certamente sou ótima carne para vossas ferozes guilhotinas do mundo novo que virá e se levantará sobre o sangue dos fracos e dos conciliadores (RESENDE, 2011, p. 22-23).

Quando envia essa correspondência, Otto certamente ainda não tinha recebido a missiva que Sabino lhe escrevera no dia anterior, aludindo, com qualquer coisa de hipsterismo, a um rompimento: “Otto, resolvi acabar com meus três maiores vícios: beber, procurar você e fumar. Já parei de beber. Agora só falta parar de fumar.” (SABINO, 2002, p. 38) Com efeito, depois dessa carta, Otto vai se ausentar das correspondências com Sabino por quase um ano, conforme dão conta os volumes de correspondências publicados de ambos. Fernando ainda vai escrever ao amigo alguns dias depois, em 30 de dezembro de 1944, dizendo: “Otto, tenho pensado muito em você e sofrido um bocado com essas nossas desavenças idiotas. (...) Eu também preciso deixar de bobagem e muita literatura.” (SABINO, 2002, p. 39) No entanto, salvo existirem correspondências do período perdidas, Otto só voltaria mesmo a escrever a Fernando em agosto de 1945. Quando, naturalmente, o assunto já era outro; a vida de ambos já era outra.

Sabemos o quão difícil é mudar aquilo que, por demais íntimo, constitui um indivíduo, um ser, o *éthos* de um povo — uma ontologia, calcada em fundo sociológico. Positivamente, no que diz respeito a esse imbróglio da mitologia literária brasileira do século 20, tudo acabaria ficando por isso mesmo e se resolvendo na medida mesma da dissimulação que consta em toda desavença estabelecida entre mineiros de vocação, os *hipsters* originais brasileiros (sim, já o éramos muito antes de virar modinha). Em pouco tempo, os escritores estariam de bem, íntimos como antes (ainda que haja quem defenda que aquela alteração tenha resultado em uma fratura crônica na relação entre os dois: uma daquelas que só se

deixam sentir nos dias frios). Pelo sim, pelo não, ambos alcançaram o fim de suas vidas amigos como sempre — amigos como nunca.

Feito esse introito, interessa-nos então pensar no quanto as palavras de Fernando Sabino e Vinicius de Moraes ecoam ainda hoje entre nós, literatos mineiros, incômodas e necessárias de se fazerem ouvir. É disso que se vai tratar neste ensaio.

República das Letras

Meu pai me ligou num domingo à tardinha, semanas atrás. Não convivo muito com ele, mas, como anda doente, atendi, simulando boa vontade. Não era a doença. Segundo afirmou (com a tradicional solenidade afetada), me procurava para falar duas palavras que, no seu entendimento, diziam precisamente do meu temperamento e, mais do que isso, seriam uma chave para a minha compreensão daquilo que, em minha vida, andava obstando-me. De onde ele tirou que algo me obstava, não tive tempo de perguntar, pois de imediato o homem ementou: “regrado”; “contido” — e em seguida emulou o seu afetado silêncio ruminante.

Meu pai disse aquelas palavras como quem entrega o Santo Graal a Parsifal, e, dado o seu recado – uma espécie de revelação, foi o que quis dar a entender –, comentou uma ou outra amenidade, perguntou se eu tinha anotado e, satisfeito, desligou, sugerindo que eu saberia o que fazer daquela conversa. “Que conversa?”, fiquei pensando: dois adjetivos estão longe de formarem uma conversa. Filhos mineiros, pais mineiros. Até quando, pergunta-se sem resposta.

Na ocasião, eu curava ressaca tomando cerveja no boteco do bairro, onde fui almoçar após chegar de um fim de semana prolongado de abusos psicotrópicos e vivências culturais as mais diversas pelo interior de Minas. Mesmo assim, passados alguns minutos após o fim do telefonema, vi as palavras paternas encontrarem certo conforto-de-sentido no meu ânimo da ocasião e fiquei encucado: ora, se eu havia dado de mim o que podia e o que nem devia coincidentemente no fim de semana em questão, de onde vinha então aquela sensação de precisão-de-aplicação-ao-momento para “regrado”, “contido”? Foi quando, como que no estalo de uma revelação, percebi haver algo de *fake* naquilo tudo: as cervejas, a lembrança do fim de semana, a psicotropia; a literatura que eu retirava a fórceps daquelas situações. De repente, emergia a antes recalçada percepção do caráter forjado de toda aquela simulação. Literatura, sim, mas no sentido mais deslocado da palavra. Deslocado e perverso.

Ora, se eu me aprazia do descomedimento do que havia vivido nos dias anteriores, esse prazer era mais reflexo de uma relação *kitsch* com a minha juventude e autonomia de arbítrio do que, propriamente, de uma vivência genuína da liberdade. Havia naquilo tudo qualquer coisa de um desfrute secundário do momento, que era originário não do ato, em si, mas de uma percepção deslocada do ato; uma percepção enviesada da sensação de estar desfrutando, melhor explicando. E o pior: do emaranhado de todas aquelas emoções, desprendia-se a pretenciosa sensação de haver ali alguma coisa relacionada às artes, à literatura, ao fato de eu ser escritor, ao fato de eu ser um pesquisador de literatura e mesmo ao fato de eu ser um leitor: um literato de Belo Horizonte, em suma, em seu bar particular, remoendo falsas ficções — a grande bobagem.

Toda essa íntima conversa acabou por me levar, naquele momento, de volta à carta de Vinicius, à catilinária de Sabino e a um postulado que, dadas as minhas particulares e mui incômodas mas honestas dificuldades de agremiação, venho há algum tempo tentando estabelecer sobre o que possa ser a literatura contemporânea no que diz respeito à mineiridade e à nossa (dos mineiros) particular ideia de República das Letras (CASANOVA, 2002), destino indefinível mas almejado em minha e em outras tantas trajetórias — trajetória à qual, sem saber, meu pai se referiu.

Ao falar em República das Letras, recupero aqui a espécie de diáspora⁵ que é vivida pelos escritores, em geral, e pelos mineiros, com especificidade, na busca por seu geográfico destino literário. No século 20 brasileiro, esse país virtual – onde habitam os colegas de espírito de todo literato e onde haveria “um lugar reservado para aquele que o mereceu” (ÁVILA, 2011) – era o Rio de Janeiro. Vários mineiros, em diferentes momentos do século passado, migraram em direção àquela que até o início dos anos 1960 era não apenas a capital federal, mas de fato a capital intelectual e cultural do país. Foi o caso de Abgar Renault, Affonso Romano de Sant’Anna, Aníbal Machado, Autran Dourado, Cyro dos Anjos, Silviano Santiago, Wilson Figueiredo, para ficar apenas em nomes que atuaram ou atuam ainda hoje nos campos da ficção ou da poesia. Fernando Sabino e Otto Lara Resende, assim como Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, também fizeram essa travessia. E tantos outros mais.

A professora de literatura comparada Myriam Ávila vai cartografar uma espécie de padrão para essa experiência subjetiva de exílio, vivida pelo escritor:

⁵ Pensando aqui em um sentido deslocado para a palavra, de forma a denominar aqueles que, mesmo no ambiente nativo, sente-se estrangeiros e desejosos de encontrar seus concidadãos de uma pátria ideal, virtual.

Inicialmente, o afastamento do torrão natal, que não promete o contato tão desejado pelo mais misantropo dos escritores com um ambiente propriamente literário. Depois, a constatação da futilidade e até mediocridade do grupo de colegas com o qual vem a conviver. (...) A partir daí, surgem dois anseios opostos: o de partir para meio mais amplo e mais arejado, onde possa privar com os grandes do seu tempo, e o de voltar para a província, onde residiria a fonte de sua inspiração, a autenticidade de que se nutre a sua arte. (ÁVILA, 2011, p. 236)

Após viverem Rio, alguns escritores mineiros de fato partiram para o mundo, como foi o caso de Fernando Sabino e Otto Lara Resende. Outros foram ao Rio e voltaram para Minas, como Roberto Drummond, Murilo Rubião e Sebastião Nunes. No entanto, diz Myriam, ambos os impulsos – seja o de voltar para o interior, seja o de partir para o grande centro – estão por natureza fadados à frustração. “No primeiro caso, é inevitável a constatação da impossibilidade de se sentir escritor fora do convívio com os pares e, no segundo, o mais aglutinante dos centros eventualmente revelará sua face superficial e inautêntica” (ÁVILA, 2011, p. 236). Diante dessa dupla impossibilidade, o escritor sente agudizar em si a sensação de não pertencimento, de estrangeiridade radical, sentimento que levou gerações e gerações de literatos mineiros a recorrerem em tolices, perscrutando grandeza e arrojo em espelhos que refletiam não mais que moinhos de vento bestas, soprando mansa e regularmente os mesmos ares gastos de sempre.

Sobre esse assunto, a professora de teoria da literatura Eneida Maria de Souza certa vez escreveu que “a vocação atávica do escritor mineiro sempre foi o afastamento do lugar de origem e a procura de outros para a realização do exercício profissional.” (ENEIDA, 2015, p. 21) Contudo, tal vocação nunca resultou em um simples “ir”. O literato mineiro sempre partiu com a cabeça voltada para trás, em soslaio (correndo o risco de quebrar voluntariamente seu pescoço literário, o que seria, mais do que trágico, ridículo), assim como sempre ficou como quem estica o pescoço para tentar ver, por cima do que lhe limita a visão, o que está fora do seu alcance (o que é, mais do que idiota, triste). Em seu poema *Belo Horizonte* (MARQUES, 2011, p. 61), que integra o tríptico *Três postais*⁶, a poeta mineira Ana Martins Marques colocou em termos definitivos essa indecidibilidade:

Belo Horizonte

[1]

Um dia vou aprender a partir

⁶ Além de *Belo Horizonte*, esse tríptico traz os poemas *Amazonas* e *São Paulo*.

vou partir
como quem fica

[2]

Um dia vou aprender a ficar
vou ficar
como quem parte

Trata-se sobretudo de um “movimento simulado” (SABINO, 1999), para voltar a Fernando Sabino e usar uma expressão sua: uma simulação que é simbólica do nosso *páthos*; simbólica de certo afeto que, em nossa literariedade mineira, nos toma à revelia e dispõe sobre o nosso comportamento. Não por outro motivo, Sabino encerra a sua catilinária dizendo:

Que o escritor mineiro não faça secar as legítimas fontes dessa vocação, em nome de uma fidelidade à sua natureza de montanhês, e em defesa de uma diferente concepção da vida e das coisas. A sua natureza e seu modo substancial de ser se impõem por si mesmos, poderiam ser a fonte originária de uma literatura mais fértil e fertilizadora. E que não seja mais preciso vir buscar cá fora, a plenitude capaz de manter viva essa fidelidade a um mineirismo sadio e essencialmente criador. Que não seja mais preciso sair de Minas, para poder fazer ouvir a sua voz. (SABINO, 1944, p. 12).

É nesse sentido que, relembando as colocações de Sabino e Vinicius e a escusa de Otto, e considerando as implicações de um dizer do tipo que se vai propor – e já deslocando este ensaio para o campo do manifesto –, proponho demarcar aqui algo específico: demarcar que, no que diz respeito à literatura face à mineiridade, é tempo de não subir mais em viaduto.

Tomando-se Belo Horizonte como o núcleo dessa questão, subir em viaduto se revela como o mais significativo movimento simulado da mineiridade literária. Para tratarmos finalmente disso, cabe estabelecer antes a genealogia da apropriação literária que, no decorrer do século 20, foi feita desse marco arquitetônico.

Sobre subir em viaduto

Segundo consta, foi Carlos Drummond de Andrade quem começou com esse trem de se subir em viaduto. O jornalista e escritor Humberto Werneck recupera essa história:

Ao voltar para casa, no bairro da Floresta, tarde da noite, [Drummond] às vezes escalava um dos arcos do recém-construído viaduto de Santa Teresa, o do lado direito de quem segue para o bairro da Floresta. Conservou esse hábito até pelo menos os trinta anos de idade, pois um companheiro mais novo, Orlando M. de Carvalho, futuro professor da Faculdade de Direito e reitor da universidade, vai se lembrar de haver subido com ele e Guilhermino

Cesar por volta de 1932. Guardou a memória, também, do romancista Cyro dos Anjos implorando lá embaixo: “Mas vocês têm família, não façam isso!”. Uma noite, quando se equilibrava no ponto mais alto do arco do viaduto, Drummond recebeu voz de prisão, e desafiou o guarda a ir prendê-lo nas alturas. O homem julgou mais prudente relaxar a prisão. (WERNECK, 2012, p. 49).

É provável que, em seu tempo, Drummond caminhasse pelo arco alheio a qualquer secundária transcendência, apenas exercendo a prática autêntica de sua juventude natural, no auge de sua plenitude. No entanto, as décadas seguintes veriam o seu procedimento ser sequestrado pelas gerações literárias vindouras, de forma a ele ser arbitrariamente entremeado por diversas conotações metafísicas, em uma espécie de saudação deturpada ao poeta.

Vinte anos depois, a chamada geração de 45, que não admirava apenas as façanhas literárias do poeta, tratou de imitar, ritualmente, as escaladas noturnas no viaduto. Agora, eram Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino que subiam e desciam, correndo, pela estrita faixa de cimento, com menos de um metro de largura, enquanto um companheiro mais velho, João Etienne Filho, em pânico, lhes rogava que descessem. (WERNECK, 2012, p. 49).

Fernando Sabino inclusive vai levar toda essa mitificação para dentro d’*O encontro marcado*, romance em que românticos adolescentes idealistas realizam a travessia inebriados por uma metafísica de dia de semana: o efêmero da existência, o tempo em face da eternidade e a incidência no tempo e no espaço: a inexorabilidade do fortuito na vida de cada um.

Era extraordinário que a brincadeira imprudente não terminasse em tragédia. E se repetia porque (rezava a tradição) um poeta (um grande poeta) havia feito aquilo antes, para se divertir. Anos mais tarde Eduardo lhe perguntaria se era verdade e o poeta haveria de confirmar:

— Parece difícil, mas não é tanto, você não acha?

No seu tempo, subia às três da tarde, depois de tomar apenas um copo de leite, *pour épater les bourgeois*. A nova geração procurava imitá-lo nos versos e nas proezas, mas precisavam beber para criar coragem. (SABINO, 1999, p. 57)

Interessa pensar que o último período da citação acima permite interpretar que a nova geração, já àquele tempo, precisava beber para imitar o grande poeta não apenas nas suas proezas físicas, mas também nos versos, na literatura: a verdade com que ele produzia a sua poesia; a entrega corajosa e desafetada de seus pensamento; a autonomia de sua literatura — tudo (essa imitação) na mais ridícula e deliberada confusão entre vida e obra. É do caráter *kitsch* desse hipsterismo – em que se escala um viaduto na busca de forjar para si um valor inautêntico imitado de outrem, numa espécie de estação intermediária entre o propósito e o

ridículo, a existência e a irrelevância, ou como já se escreveu mais comezinho: “alpinismo literário” – que nos interessa seguir falando aqui; de seu desenvolvimento, geração após geração, até se radicalizar em nosso tempo, numa espécie de estado da arte da afetação valorativa. Antes, ainda mais uma etapa desse perverso processo:

Também na geração Suplemento, nos anos 60, houve quem procurasse atingir, se não os cumes da arte literária, pelo menos o alto do viaduto. O qual, com o passar das décadas, foi se agigantando na imaginação dos que sobre ele escreveram. “Sua altura é vertiginosa”, disse Pedro Nava em *Beira-mar*. Cinquenta metros de altura, calculou Fernando Sabino no [O] *Encontro marcado*. Na segunda edição do romance, o viaduto foi rebaixado para trinta metros – ainda assim um exagero: do ponto mais alto à linha férrea, são menos de dezessete metros. (WERNECK, 2012, p. 49).

Recuperada essa genealogia em seu caráter já gasto, como então interpretar o fato de um escritor e pesquisador adulto se propor subir o arco do viaduto em pleno século 21 para, lá em cima, tirar fotos de si mesmo, supondo haver, no olhar compenetrado que simula, algum restolho de transgressão metafísica? Como interpretar o pedido feito por ele para que alguém o fotografasse lá debaixo, registrando de ângulo projetado o tão memorável feito? Ora, a transgressão coube a Drummond, por autêntica; a metafísica, por tributária, aos que vieram em seguida, mimetizando-o. Mas, até quando? Até que momento caberá espicaçar os esteios dos sentidos, forçando distendê-los, para seguir-se emulando a mitologia?

Cabe insistir na questão, de forma a, com sua recorrência, traduzir o ridículo que ela põe em cena: como interpretar o afã desse escritor de, após o feito, imediatamente postar os seus registros em suas redes sociais, convocando toda a pronta audiência da cena literária mineira e brasileira a louvar seu heroísmo quixotesco, no aproveitamento de uma coincidência de efemérides? Ou, de outro modo: o que significa homens barbados ainda se emocionarem consigo mesmos ao se verem nessa posição emulada, isso quando até suas barbas já dissimulam gastos sentidos forjados? Ou: como interpretar a recorrência desgastante desse gesto, já em vias de se tornar centenário? A reverberação que ocorrências desse tipo encontram nas redes sociais ajuda-nos a perscrutar seus sentidos mais profundos.

Naquele dia, o campo de comentários da postagem com as fotos do escritor viu uma mocinha compartilhar o que parecia ser a sua própria umidade transformada em palavras: “Ai, arrasou, sem mais!”; outra, sentindo-se ameaçada, tratou logo de mijar os seus bites, marcando território: “Quase fiquei viúva”. Na medida de certa necessidade de sinalizar ao amigo ter visto as imagens, uma jovem e respeitada escritora mineira arriscou, tomando

bugalhos por alhos: “Poesia é risco.” Um pouco abaixo, supondo-se cirúrgico, transbordou um premiado poeta mineiro: “Genial.”

Tudo que era postado pelo público era gradativamente validado pelo escritor, que oferecia a cada internauta um joinha de aprovação, demonstrando que acompanhava momento a momento a boa repercussão de seu feito e que corroborava toda aquela exaltação maravilhada. E, assim, não demorou para que a postagem se transformasse em uma grande masturbação coletiva de paus murchos, em que cada indivíduo tentava, simulando ser seu o membro alheio, garantir, em suruba, a projeção imagética da própria ereção literária.

Foi nesse sentido que, como se perguntasse a todos se sabiam com quem estavam falando, um grande bastião (belo-horizontino) da literatura brasileira registrou: “Eu já subi umas três vezes.” Outro, desconfiado da própria credibilidade na hora de afirmar já ter subido também em mais de uma ocasião, buscou garantir-se na temporalidade de seu ato: “Não havia selfie”, justificou-se.

Na dúvida sobre como participar daquela orgia onanista, houve quem achasse poder se superar dizendo como é que se devia fazer: “A gente tem que subir, prestar homenagens e descer”, instruiu um senhor. Outros, para também demonstrar conhecimento, procuravam discutir os aspectos técnicos da empreitada: “Subir é muito mais fácil que descer, isso tenho certeza.” Enquanto tais considerações iam se superando, uma conversa coletiva começava a se estabelecer: uma turma combinava de subir junta, em uma grande celebração histriônica da literatura mineira. E, para provar que em casos assim o limite do absurdo está sempre além do (falsamente belo) horizonte, o escritor voltou às cargas, temendo o arrefecimento da celebração. Perguntado se cometeria a estripulia novamente, o homem saiu-se com essa: “Subir uma vez é ato de heroísmo; duas é desatino; três é irresponsabilidade!”. Em seguida, pôde ver retornarem as ovações grandiloquentes (ainda que desprendidas de qualquer assertividade, na melhor forma do hipsterismo), podendo novamente respirar.

Com sua fala, o escritor tentava garantir alguma duração à relevância de seu feito, que do instante em que ele realizara a postagem em diante já começava a lhe escapar entre os dedos, já que líquida. De fato, ainda durante o compartilhamento das fotos, o escritor já havia afirmado, para não restar dúvidas quanto à necessidade de agregar valor de grandiosidade a seu empreendimento: “Quando o trem passa, o arco meio que treme. Isso é bem sinistro.”

Excepcionalmente, uma ou outra ironia real despontava em meio aos comentários, sugerindo a nudez do rei, como escreveu um rapaz: “Até que cai. Aí ganha o Troféu Darwin

de literatura.” Positivamente, foi o escritor Sérgio Sant’Anna quem melhor resumiu a questão — e sem ironia alguma, para certo constrangimento dos que celebravam a excitação: “Aquela subida do viaduto que está no Encontro Marcado? Eu não subo não e acho que aquilo é coisa para uma turma ter feito uma vez. Não se exponham não. Abraços.”

Desconsideradas as enlevadas desculpas *hipsters* comumente forjadas para justificar esse tipo de autopromoção e reverberação, aqui interessa pensar o viaduto de Santa Tereza como o símbolo-mor dessa simulação *kitsch* de movimento empreendida no âmbito da mineiridade literária. Entre a insuficiência do partir e do ficar, o escritor mineiro (inclui-se aqui aquele estrangeiro que, ao se radicar em Minas, importa para si o pior da mineiridade) sobe o arco na expectativa (decerto inconsciente, mas nem por isso menos significativa e, assumamos, um tanto ridícula) de mirar, lá de cima, o além-montanha, para só então, com segurança de destino, esboçar movimento. Com isso, é claro, tudo o que consegue é se meter em meio à neblina e enxergar o branco-breu, independente do clima. Ainda hoje, fim da segunda década do século 21, esse escritor está lá, no alto desse arco – e isso desde a aurora do século 20 –, movendo-se parado, dependente de (se) enxergar para seguir. (Não sei se é preciso dizer que esse escritor de que aqui se fala é um arquétipo, que inclui eu, você, qualquer um de nós no instante medido de nossa autocomplacência literária. Pelo sim, pelo não, está dito.)

Em seu texto, Sabino acusa essa “muda e estupidificada contemplação estática do próprio eu” (SABINO, 1944, p. 5), que faz “com que os mineiros tendam para uma supervalorização de suas qualidades, as quais passam também a admirar, numa contemplação muda e estéril, que os leva pelo exagero a cair nos defeitos dela decorrentes.” (SABINO, 1944, p. 1) Sem perceber, o escritor condena esse hiperbólico procedimento que, também em sua homenagem (pois veja a ironia), tantos incorreriam nas décadas seguintes: o ato (real e metafórico) de subir em viaduto.

É desse arquétipo de escritor mineiro e “emineirado” que Sabino falava nos anos 1940, ao tratar da sua melancolia como um aspecto “bastante detestável”, já que fazia resultar em um

caráter hipocondríaco de esterilidade e negação, compondo fórmulas para um gozo interior desvirilizado que muitas vezes atinge as proporções de autêntica masturbação mental. Não é ela o sintoma de uma contemplação ontológica do ser, como a justificam alguns, mas autocontemplação sadicamente delicada de um homem parado — e não podemos mais admitir no nosso tempo homens parados. (SABINO, 1944, p. 5)

Não podemos mais admitir em nosso tempo homens parados: não podíamos há 70 anos e não podemos hoje, mas seguimos admitindo. E isso em um tempo em que a atuação orgânica e desafetada do intelectual volta a ser premente como nunca: a necessidade de se colocar a potência literária a serviço das causas mais justas, de fazer a própria arte participar, como dizia Mário de Andrade — não entendendo aqui por causas justas as causas diretamente políticas, mas a arte mesmo, em si, como a maior das causas – inclusive política – a que um artista pode e deve se dedicar. (Que a arte só é política se ela, em vez de tentar ser política, buscar ser, antes de tudo, arte: quem não é capaz de lidar com esse aparente paradoxo não é capaz de efetivamente colaborar, politicamente, como artista.)

Nesse sentido, há que se pensar naquilo que, esconso, não se deixa ver nessa relação estabelecida entre o literato mineiro e o seu viaduto particular: algo que se oculta justamente na obliquidade do arco e em seus desvios, mas também na escondida do ângulo desse arco: o complemento invisível que determina as direções dos arcos do viaduto, cujo espectro pode ser vislumbrado no reflexo de uma poça, nos dias mais úmidos; o contraponto especular de todo o significado em curvatura: o imperscrutável que é inerente ao declive, como se a qualquer raciocínio a respeito não coubesse outra saída que não a interrupção parcial de dois pontos, dois pontos fadados a nunca fazer findar: dois pontos, o ponto de entrada e o ponto cego, sem saída: dois arcos, dois pontos: dois pontos.

Tudo isso de alguma forma se relaciona alegoricamente com a ideia mais ampla de Belo Horizonte, uma centenária cidade que se vai descobrir, já neste século 21, ainda carente de identidade e invenção; ainda ignorante da sua real natureza. Uma vertigem de cidade, devir de cidade, que se simula justamente para não se descobrir devir⁷; uma cidade de escritores em vertigem, que alcançam o absurdo de sentirem que a produção de suas literaturas de alguma forma se relaciona com o ato de subirem ou não em um amontoado de concreto e aços, sem perceberem que, se ela se relaciona, se relaciona *a posteriori*, e negativamente.

Especularmente, essa Beagá se faz um reflexo diminuto e distorcido de Minas Gerais, estado esmagado por uma angústia milenar de riqueza e exploração: a angústia da incapacidade de converter seus maiores valores em benefícios concretos, não perecíveis: benefícios intrínsecos, e não de câmbio; benefícios reais, e não forjados imagicamente para serem postados em redes sociais. Aqui, busco acusar aquilo que, da literatura mineira, e, mais

⁷ Aqui, estou a compartilhar uma percepção que se depreende da leitura atenta de *Uma cidade se inventa* (MARQUES, 2015), livro-reportagem de Fabrício Marques que atravessa a geografia desse impasse belo-horizontino e que por pouco não se chamou “Cartógrafos da vertigem urbana”, como era a ótima ideia inicial.

especificamente, da literatura belo-horizontina, replica esse impasse fundador — impasse que, Vinicius vai escrever, talvez remeta mesmo a “uma angústia milenar” (MORAES, 1944, p. 3), uma angústia “ontológica e, mais particularmente, de fundo sociológico com relação ao Brasil”. (MORAES, 1944, p. 3)

Para encontrar Belo Horizonte e se encontrar em relação a esta cidade e este estado de origem, muitos de nós viemos a acreditar ser necessário partir, e então partimos, partimos cotidianamente. Partimos desde sempre na expectativa de enfim conseguir mirar, duma perspectiva outra, deslocada – portanto com acuidade –, o ponto de partida. O problema é que, ao partir, nos vemos incapazes de deixar a cidade para trás. Levamos a cidade conosco, e com isso não escapamos de continuar a enxergá-la sempre com obliquidade (não por acaso a obliquidade viria a ser uma das mais relevantes marcas urbanísticas da capital), em qualquer lugar (físico ou existencial) em que estejamos. Mantemo-nos em uma espécie de mobilidade inerte em relação à urbe, em que ansiamos por nos libertar ao mesmo tempo em que nos mantemos em “enclausuramento por livre arbítrio” (MORAES, 1944, p. 3), para retomar outra vez a carta de Vinicius. É nesse sentido que repito algo que enfim chega ao seu termo de manifesto: é tempo de não subir mais em viaduto.

Não subir mais em viaduto

É tempo de não subir mais em viaduto. É tempo de nós, escritores e pretensos literatos mineiros, assumirmos certo niilismo literário para então vermos o que há do outro lado, e inclusive aqui mesmo, onde não enxergamos.

Começar algo absolutamente novo, agora, já, para além da autocondescendência infantilizada, talvez seja a única chance de conferirmos alguma digna relevância para a nossa participação neste inexplicável início de século, neste inexplicável Brasil contemporâneo. Já passou da hora de deixarmos a literatura, em sua realidade literal, agir na vida de cada um de nós, para além de toda ironia defensiva.

Não falo daquele fazer novo que se resolve na ideia simplista de fazer diferente, a *avant-garde*, essa velha postura de renegar o passado em afetação progressista, de contrapor o passado em afetação progressista. Falo em fazer novo no sentido de fazer o próprio, o autêntico autêntico, que se dá sob risco, à margem de toda afetação *hipster* — sem autocomplacência. Lembrando ainda uma última vez Sabino:

Chamarei a atenção para a malícia com que outros receberam as palavras de Vinicius de Moraes, querendo fazer valer a “ironia”, a “finura”, o “humour” mineiro (tão louvados e elogiados pelos admiradores) mas verdadeiramente revelando apenas falta de dignidade intelectual. (SABINO, 1944, p. 1)

Transposto aqui, o que Sabino escreve sobre a sua época parece se fazer um alerta à contemporaneidade em suas próprias questões: um alerta a certa tendência irônica que “há muito vem degenerando e corrompendo a capacidade criadora de alguns escritores de Minas, e que se faz agora mais evidente na sua nova geração.” (SABINO, 1944, p. 1) Sabino lamenta tais demonstrações de ironia como “um desvirtuamento inescrupuloso do verdadeiro sentido das palavras” (SABINO, 1944, p. 1), às quais até graça falta. “Tais demonstrações de ironia nem ao menos chegam a ser engraçadas” (SABINO, 1944, p. 1), lamenta o escritor. Ou como coloca Christy Wampole em seu famoso ensaio sobre o hipsterismo, em que aponta a ironia como o *éthos* de nossa época:

Com certeza, a vida irônica é uma resposta provisória aos problemas do excesso de conforto, do excesso de história e do excesso de opções, mas minha convicção firme é a de que esse estilo de vida não é viável, e oculta em si muitos riscos sociais e políticos. Deixar que um amplo segmento da população anule sua voz cívica, por meio do padrão de negação que descrevi [o hipsterismo], é sugar as reservas culturais da comunidade como um todo. As pessoas podem escolher continuar a se esconder atrás do véu da ironia, mas essa escolha significa render-se às entidades comerciais e políticas que ficarão mais que satisfeitas em assumir o papel de pais para cidadãos autoinfantilizados. (WAMPOLE, 2013, s/p, grifo meu)

Ou:

O que significaria vencer o empuxo cultural da ironia? Afastar-se do irônico representa dizer o que se pensa, pensar o que se diz e considerar a seriedade e a declaração direta como possibilidades expressivas, apesar dos riscos inerentes. Significa assumir o cultivo da sinceridade, da humildade e do autoapagamento, rebaixando o frívolo e o *kitsch* em nossa escala coletiva de valores. E pode incluir também fazer um inventário honesto de si próprio. (WAMPOLE, 2013, s/p)

É também no sentido desse inventário honesto de si próprio que este ensaio ocorre, em autocrítica coletiva. E é nesse sentido que nele não se fala de desconstruir para reconstruir, de se conformar a dourar as pílulas do entre-lugar e do não-lugar, não se fala mesmo de mastigar para regurgitar: falo de ignorar solenemente o passado, o impasse fundador, supondo no ato de ignorar uma saída possível e até mesmo nobre para aquilo que não merece ou pode ou já passou do tempo de ser quixotesicamente enfrentado, e caminhar para um novo lugar, em nudez; falo de entender esse procedimento como a única possibilidade de superação da nossa fundação insuperável.

Que o passado, ele já está introjetado em nós. O presente é o tempo das imagens, e a recorrência do passado nas imagens do presente é inevitável, como já escreveu Georges Didi-Huberman (DIDI-HUBERMAN, 2015). Com isso, quero dizer que não precisamos retomar o passado conscientemente em cada ação, em cada imagem, nem mesmo em negação: o que dele importa já está impresso no que somos da forma que deveria estar; da forma que inevitavelmente haveria de estar. Nós já somos o que somos. Daí a tolice que é gastar energia buscando sê-lo. Daí a tolice que é recorrer no ato de se subir em viaduto.

Na verdade, é aí que reside o problema: ao buscarmos ser intencionalmente o que somos, levamo-nos a deixar de sê-lo. Ao buscarmos ser proativamente o que somos, em nossa historicidade, tornamo-nos simulacros de nós mesmos; arremedos *hipsters* de potência. Falo aqui, em suma, daquela segunda lágrima que escorre ao nos emocionarmos com o fato de termos vertido honestamente a primeira (KUNDERA, 1985); de seu caráter ridículo; seu caráter esterilizador — a despeito de toda a emoção do espetáculo.

É preciso enfrentar esse desafio hercúleo e eliminar sem piedade o excesso de hipsterismo que nos toma a todos; ferir de morte essa aversão ao risco e a existência sem significado (que a pior ausência de significado é aquela que se mascara sob um significado forjado em arremedo *kitsch*) e, impiedosos, desferir o golpe final. Ou cometemos esse infanticídio, ou a criança, quando crescer, vai crescer disforme, insana como no pior das mitologias – lembremos de Grendel, no poema épico de Beowulf –, para nos engolir inteiros, ridícula, horrível, bestial, sem deixar sobrar nada, rindo e chorando porcamente o nosso destino, ser alimento da falência — o orgânico combustível do espetáculo.

Precisamos superar de vez a ideia anacrônica de formação, própria do século 20, as referências, formação do Brasil, formação-brasileiro, toda essa carga por demais pesada para pensarmos agora em como nos inserir na realidade própria do nosso agora. Falo de pensarmos o nosso lugar, de chegarmos a esse novo lugar, o presente, como o neófito imaginado por Fernando Pessoa, aquele neófito que alcança límpido o seu verso final (enfim o início), verso pós-vida e pós-morte: que chega ao então desprovido de toda historicidade proativa. É tempo de – nas relações que estabelecemos e na literatura que produzimos – não subir mais em viaduto.

Em *O retrato de Dorian Gray*, um personagem de Oscar Wilde sugere ser aquele o tempo de um novo hedonismo. Ele o sugere como um recurso para se subverter, por meio de uma nova degeneração, a degeneração dos espíritos de sua época. Pois o nosso é o tempo de

um novo niilismo: sobretudo para nós, em Belo Horizonte; sobretudo para nós, em Minas Gerais (e não se deve escapar aqui de pensar Belo Horizonte e Minas Gerais como cidade e estado submetidos ao Brasil atual), fazer e pensar a literatura é definitivamente não subir mais em viaduto — inclusive literalmente. Do contrário, o risco é continuarmos mirando eternamente o horizonte de lá, do alto do arco, apaixonados por nós mesmos, pela beleza da beleza e de nossa beleza, de forma a continuarmos exatamente onde estamos, em movimento estático, sem nunca nos darmos ao risco de caminhar até o horizonte para ver o que há nele, ou de superá-lo (ou de esquecê-lo); sem nunca nos capacitarmos a de fato ver o que há do outro lado, o lado de lá, e o lado de cá, compreendendo, nesse trânsito, o que se passa no limiar: o que se passa no que somos.

Porque a verdade é que o horizonte estético-literário de nós mineiros é há muito um outdoor com um belo retrato de montanha, retrato com o qual, por covardia, mantemos um constrangido e dissimulado pacto ficcional. Atrás desse outdoor, a gente sabe, é só abismo. Mas a gente não quer se abismar. Ficamos todos no arco do viaduto, encantados com paisagem, encantados com nós mesmos, constrangendo o presente. E, no apogeu dessa nossa relação *kitsch* com o contemporâneo, até alcançamos algumas lágrimas; lágrimas encantadas com o nosso próprio encantamento.

Tudo isso diz respeito principalmente à prática literária do escritor, mas, de uma forma à qual aqui no máximo se aludiu, toca também a crítica literária e a academia que pensa a literatura. Em todos esses campos, é tempo de não subir mais em viaduto.

É tempo de não subir mais em viaduto.

Faço uma última leitura deste texto no celular, enquanto tento vencer a escada rolante de um shopping, em tudo atrasado. Ela avança lentamente, apesar de estar ocupada por poucas pessoas.

Bloqueado por um casal que não parece soltar as mãos nem para ir ao banheiro, penso em quando não existirão mais em Minas aqueles que, parados, se comprazem em simular movimento. Mas não tenho esperanças.

Um século se passa e penso então no tempo em que ao menos saberão se recostar à direita, permitindo o trânsito livre daqueles que desejam realmente se mover. Mas eu sigo na escada rolante.

O casal continua de mãos dadas. A geringonça avança lentamente.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Myriam. *O diário e a diáspora*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, , jan./jun. 2011, p. 235-240.
- BRASIL, Bruno. *O Jornal*. Biblioteca Nacional, 2015. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>. Acesso em 8 jul. 2016.
- CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- JOHNSON, Robert A. *He: a chave do entendimento da psicologia masculina*. Trad. Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1987.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. 7. ed. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MARQUES, Ana Martins. *Da arte das armadilhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MARQUES, Fabrício. *Uma cidade se inventa: Belo Horizonte na visão de seus escritores*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2015.
- MORAES, Vinicius de. *Carta contra os escritores mineiros (por muito amar)*. Rio de Janeiro: *O Jornal*, 5 nov. 1944. p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 8 jul. 2016.
- RESENDE, Otto Lara. *O Rio é tão longe: cartas a Fernando Sabino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SABINO, Fernando. *Livro Aberto*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 70 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SABINO, Fernando. *O escritor mineiro e a falsa noção de limites*. Rio de Janeiro: *O Jornal*, 10 dez. 1944. p. 1ª, 5 e 12. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 8 jul. 2016.
- SABINO, Fernando. *Páginas soltas ao longo do tempo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Belorizonte, Belô, BH, Velhorizonte*. In: MARQUES, Fabrício. *Uma cidade se inventa: Belo Horizonte na visão de seus escritores*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2015, p. 21-24.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970)*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WAMPOLE, Christy. *Como viver sem ironia*. Rio Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2013. Disponível em: <http://www.revistaserrote.com.br/2013/01/como-viver-sem-ironia-por-christy-wampole/>. Acesso em 15 jun. 2015.